

# **Sentidos da formação em Museologia: o Curso de Introdução à Museologia de Maria Barreto, no Museu Nacional da Universidade do Brasil<sup>1</sup>**

Anna Paula da Silva<sup>\*\*</sup>

Recebido em: 29/10/2020

Aprovado em: 30/11/2020

## **Resumo**

Este artigo aborda aspectos da formação em Museologia, a partir do levantamento de narrativas comuns sobre a formação em nível superior e de pesquisas sobre o protagonismo de profissionais da área. Para tanto, esta pesquisa tem como foco o protagonismo de Maria Barreto, conservadora formada pelo Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), nos anos de 1930, que atuou profissionalmente no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), ambos situados no Rio de Janeiro/RJ. Diante da atuação de Maria Barreto, este texto ressalta a sua gestão do Curso de Introdução à Museologia do Museu Nacional da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O curso ministrado por Barreto é apresentado nesta investigação como uma possibilidade de compreender a formação em Museologia de professoras e professores secundaristas, na década de 1950.

## **Palavras-chaves**

Formação em Museologia; Curso de Introdução à Museologia; Maria Barreto; Museu Nacional.

## **Abstract**

This essay addresses aspects of Museology training from common narratives on higher education as well as research on the role of professionals in the field. The essay presents the protagonism of Maria Barreto, she studied at the Curso de Museus of the Museu Histórico Nacional (MHN) in the 1930s, and she worked professionally at the Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). Those museums are located in Rio de Janeiro. Maria Barreto's performance highlights her management of the Curso de Introdução à Museologia at the Museu Nacional of the Universidade do Brasil, now the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). The course is a possibility of understanding the training on Museology for secondary teachers in the 1950s.

## **Keywords**

Museology Training; Curso de Introdução à Museologia; Maria Barreto; Museu Nacional (Brazil).

---

<sup>1</sup> Este texto foi produzido ao final da disciplina Tópicos Especiais em Organização da Informação 2: Museus e Patrimônio: Agências e Agentes, ministrada no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília pelas professoras doutoras Maria Margaret Lopes e Ana Lúcia de Abreu Gomes (primeiro semestre de 2019).

<sup>\*\*</sup> Professora do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestra em Museologia e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (PPGVIS-UnB). E-mail: [anna.silva@ufba.br](mailto:anna.silva@ufba.br).

**A**s prerrogativas brasileiras de formação em Museologia na atualidade estão relacionadas aos cursos de graduação e de pós-graduação, efetivamente se fazendo valer da Lei nº 7.287/84, que regulamenta a profissão no Brasil. A lei apresenta quatro possibilidades de formação para o exercício privativo em Museologia: diplomados em licenciatura e bacharelado em Museologia no Brasil; mestres e doutores formados no Brasil; diplomados nos cursos mencionados acima no exterior, cujos diplomas sejam devidamente revalidados; e aqueles que, à época, comprovassem cinco anos de trabalhos desenvolvidos na área, para o registro no conselho e atuação como museólogos e museólogas. A experiência brasileira, diferentemente de outros países, tem o foco em cursos de formação na graduação,<sup>1</sup> tendo, há pouco mais de dez anos, oferta de cursos de pós-graduação em Museologia<sup>2</sup> – que, por sua vez, ainda não são requisitos primordiais em concursos da área, que costumam cobrar somente a formação na graduação em suas seleções.

As narrativas quanto à formação em Museologia sempre se voltam para o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN) como uma referência principal, uma remissiva aos sentidos genealógicos e às contingências da Museologia no Brasil. No entanto, para além de “essencializar” um marco histórico e institucional, é necessário constituir reflexões sobre as diferentes possibilidades de formação na área, a partir da trajetória de instituições e de seus agentes. Tendo isso em vista, a nossa proposta aqui é problematizar a conformação da área apenas em um sentido, ampliando a ideia de que a formação institucionalizada se dá por meio das práticas de profissionais, da criação dos museus, da produção científica, entre outras narrativas possíveis. Nesse sentido, encara-se as instituições museológicas como vetores – mas não os únicos – da produção do conhecimento e da formação (continuada) em Museologia.

A relação entre museu e Museologia é adensada em consonância com a produção científica em torno da formação de coleções, da criação de museus e da circulação de objetos, indivíduos e grupos sociais.<sup>3</sup> Esse é um aspecto que dimensiona a importância de figuras como Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, idealizador do Curso de Museus no Museu Histórico Nacional.<sup>4</sup> Em primeiro lugar, por ter sido diretor da instituição durante um longo tempo, além de autor do livro *Introdução à técnica de museus* (1946) – guia para aspectos teórico-práticos do curso, cujo conteúdo abrange a trajetória nacional e internacional de Gustavo Barroso e a

dinâmica institucionalizada da Museologia. Em segundo lugar, por ter sido um dos professores do curso. O protagonismo do Museu Histórico Nacional (MHN), assim como o de Gustavo Barroso, devem constar na produção de sentidos sobre as genealogias da formação em Museologia, mas, em contrapartida, outros sentidos e outros aspectos também podem ser considerados no tocante à formação da (na) área.

Em termos formais, pode-se atribuir a profissionalização da área ao Curso de Museus, no Museu Histórico Nacional (MHN),<sup>5</sup> que, em 1979, é deslocado para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro (FEFIERJ), atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde até hoje permanece como curso de graduação em Museologia.<sup>6</sup> Segundo Luciana Ferreira da Costa,<sup>7</sup> a década de 1970 foi fundamental para a transformação do curso, que neste período sofreu mudanças pontuais, tanto quanto aos conceitos, objetivos, matrizes curriculares, aumento de ingressantes, etc., como também na ampliação da relação espacial do museu para com o espaço universitário.

Simultaneamente, o curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) é criado em 1969, já tendo o seu início no âmbito universitário, a partir da iniciativa do arqueólogo, historiador da arte e professor do Departamento de História da mencionada universidade, Valentin Rafael Simón Joaquín Calderón de La Vara – que foi, durante alguns anos, diretor do Museu de Arte Sacra da UFBA . Conforme aponta Heloísa Helena F.G. da Costa,<sup>8</sup> Calderón e outros colegas que atuavam na Museologia enfrentaram uma série de problemas para a continuidade do curso, como o pedido de outros docentes para a retirada do curso do Departamento de História e até mesmo a tentativa de extingui-lo.

Outra importante protagonista na formação e produção científica da Museologia foi Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, professora e museóloga com experiência de mais de 45 anos de trabalho no Brasil e no exterior; e criadora e mentora do curso de pós-graduação em Museologia, na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), em 1977 [1978?], inicialmente, em parceria com o Museu de Arte de São Paulo (MASP)<sup>9</sup>. Na justificativa de sua dissertação *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*,<sup>10</sup> Rússio afirma:

Entendido o museu, ele próprio, como um ASPECTO das organizações culturais, não pode ele ser examinado isoladamente, como um meteoro desprendido de uma galáxia desconhecida.... sem que se procure situá-lo dentro de uma paisagem cultural, social, ainda que numa visão esfumada e, até, imprecisa.

A autora compreendia a Museologia em uma perspectiva museal, ou seja, atribuía às reflexões teórico-práticas nas (das) instituições museológicas a elaboração da memória e a dinâmica social.<sup>11</sup> Nesse sentido, Rússio continuou os seus estudos na FESP e publicou trabalhos de análise de museus “(...) relacionando os dados que obtinha via administração pública, observações históricas, conhecimentos teóricos e técnicas, com vistas a apresentar críticas, recomendações e projetos de museus”.<sup>12</sup>

A trajetória de Rússio é assimilada de forma fragmentada na formação em Museologia,<sup>13</sup> pois atribui-se à autora o conceito de “fato museal” – fato museológico –, mas pouco é revelado sobre o seu percurso como pesquisadora da área<sup>14</sup> e professora do curso de pós-graduação em Museologia, onde atuou até a década de 1990, sendo que

Foi a partir deste lugar que a paulistana criou um ambiente de formulação teórica, reflexiva e prática da Museologia, enquanto área de conhecimento; uma posição fortalecida pela relação com alunos e orientandos e amplificada pelo contexto de adesão e divulgação de suas ideias.<sup>15</sup>

A partir desses sujeitos apresentados nesta pesquisa, podem ser construídos sentidos possíveis quanto à história da Museologia e sua institucionalização em diferentes espaços. A formação em Museologia confunde-se ou, dependendo da perspectiva, agrega-se à criação de museus e coleções no Brasil e, como já sinalizado, ao protagonismo de indivíduos e de grupos sociais.

Dentre os indivíduos possíveis de serem listados que conformam essa relação de produção de sentidos e a constituição de narrativas sobre a área, fora do eixo Rio-São Paulo, pode-se citar José Antonio do Prado Valladares, uma figura central por sua atuação como diretor do Museu do Estado da Bahia, o atual Museu de Arte da Bahia (MAB), no período de 1939 a 1959.

Além de sua atuação na direção do Museu do Estado da Bahia, Valladares publicou *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos* (1946),<sup>16</sup> resultado do intercâmbio realizado por ele em regiões do norte e do sul dos Estados Unidos, onde fez cursos de História da Arte e estágios em museus, a partir do usufruto de uma bolsa da Fundação Rockefeller. Segundo Suely Moraes Cerávolo e Daisy Conceição dos Santos,

(...) nesta obra relata os programas oferecidos nos museus norte-americanos, o tratamento dado às coleções, os tipos de exposições, o trabalho dos funcionários, o planejamento das etiquetas aos catálogos, e sublinha a importância da função educativa dos museus.<sup>17</sup>

Este aspecto da função educativa apresentado no texto de Valladares é anterior ao Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, realizado em 1958.

O autor foi um articulador, quando diretor do MAB, e cronista de jornais da época, onde alertava para as problemáticas e as dificuldades de preservação dos patrimônios na Bahia. Foi também um produtor de sentidos em relação ao museu, e sua atuação antecede a criação do curso de graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia.<sup>18</sup> Sua trajetória e sua produção intelectual são fundamentais para o entendimento da história dos museus, do patrimônio e da constituição da Museologia antes de sua institucionalização no âmbito universitário.

Valladares é um exemplo entre tantos outros que contribuíram e contribuem para a assimilação e o adensamento de discussões sobre a Museologia no Brasil. Nesse sentido, a pergunta movente é: quais são os sentidos imbricados – as narrativas criadas – a partir da produção intelectual desses agentes para o campo do conhecimento e a formação na Museologia?

A análise da trajetória de indivíduos, grupos sociais, formação de coleções, criação de museus e institucionalização da área fornecem um arcabouço crítico quanto à Museologia no Brasil. Ou seja, uma formulação de sentidos dessas narrativas criadas e transformadas sobre o campo do conhecimento, que a todo momento é inscrito como emergente, em expansão, em crescimento, atual. Reconhece-se que a Museologia, no Brasil, pode ter em suas origens outros tantos sentidos, até anteriores aos cursos de museus, como aponta Maria Margaret Lopes (1997), ao refletir sobre a produção científica brasileira ser atrelada a agentes e agências, como também se constituir a partir de circunstâncias pouco exploradas. Esse é o caso de Maria Barreto, conservadora de museu – museóloga – formada pelo Curso de Museus do MHN, organizadora e orientadora do Curso de Introdução à Museologia no Museu Nacional da Universidade do Brasil,<sup>19</sup> direcionado para professoras e professores secundaristas.<sup>20</sup>

### **Quem foi Maria Barreto?**

Inicialmente, o protagonismo de Maria Barreto pode ser inferido a partir do conteúdo encontrado no Relatório Anual de 1957 (1958) e no Relatório Anual de 1959 (1960) do Museu Nacional (UFRJ). O diretor do museu à época, José Candido de Melo Carvalho, relata que ocorreu o Curso de Introdução à Museologia, sendo este “orientado pela professora Maria Barreto do Museu Nacional de Belas Artes”<sup>21</sup> e, também, “organizado pela professora Maria Barreto do Museu Nacional de Belas Artes”<sup>22</sup>.

Em 1939, o Departamento Administrativo de Serviço Público (DASP) realiza o primeiro concurso para conservador de museus, classificando as ex-alunas do Curso [de Museus] do Museu Histórico Nacional, Elza Peixoto Ramos, Lygia Martins Costa, *Maria Barreto* [grifo nosso], Nair de Moraes Carvalho, Octávia Corrêa de Oliveira, Regina Liberalli, Regina Real e Yolanda Portugal, além dos ex-alunos Adolpho Dumans e Luiz Marques Poliano. É então implantada, no país, a carreira de conservador de museus, vinculada ao Ministério da Educação e Saúde, ocupada, desde aquele momento, majoritariamente por conservadoras.<sup>23</sup>

Tanto neste excerto de Bruno Brulon, quanto no texto de Ivan Coelho de Sá,<sup>24</sup> Maria Barreto aparece como uma das ex-alunas formadas no curso do MHN selecionadas no concurso do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) para atuar na área como conservadora, como os demais citados nos textos. No texto de Sá (2015), há uma imagem (figura 1) em que Maria Barreto aparece, mas sem identificação. Apenas se sabe que a mulher que se encontra no centro da imagem, de chapéu escuro, é Lygia Martins Costa – em pé, atrás das cadeiras, sorrindo, entre dois homens e ao lado de duas mulheres. Esta imagem é emblemática, pois apresenta a comissão examinadora do DASP e os candidatos desse primeiro concurso.<sup>25</sup>



**Figura 1.** Imagem da Comissão examinadora e candidatos do primeiro concurso para conservador de museus, em fevereiro de 1940.

Fonte: Foto: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS (SÁ, 2015, p. 136).

Outro elemento encontrado sobre Maria Barreto é a sua produção textual nos anuários do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), entre os anos de 1940 e 1958. As temáticas envolviam exposições, obras e artistas presentes no acervo, eventos, entre outras coisas,<sup>26</sup> e o que podemos especular é que a conservadora de museu passou grande parte ou, até mesmo, toda a sua vida funcional na instituição citada. Barreto também esteve presente, como observadora, no Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus, em 1958.<sup>27</sup> Até o momento desta pesquisa, foram encontrados apenas esses elementos sobre a trajetória de Maria Barreto.<sup>28</sup>

### **Curso de Introdução à Museologia, no Museu Nacional da Universidade do Brasil**

No Relatório Anual de 1957,<sup>29</sup> está descrito que o Curso de Introdução à Museologia foi uma cooperação entre o Museu Nacional e a Divisão de Ensino Extra Curricular do Ministério da Educação, sob orientação de Maria Barreto, e foram ofertadas aulas de Biologia, Antropologia Cultural, Geologia e Paleontologia, Botânica, Mineralogia e Petrografia, Zoologia - Invertebrados, Zoologia - Vertebrados, Museologia Aplicada aos Museus de Ciências e Antropologia Física. O curso ocorreu nas terças-feiras, das 14h às 16h, entre os meses de agosto e outubro de 1957.

Já no Relatório Anual de 1959,<sup>30</sup> o curso é descrito em dois parágrafos, e a última parte relata que “foram proferidas quinze palestras durante o ano, versando sobre assuntos de Ciências Naturais, Antropologia e Museografia. Um total de dez alunos frequentou o curso até a sua conclusão”. Não foi encontrado o que era abordado exatamente nessas aulas de apenas duas horas, portanto, não há como especificar os detalhes desse curso; sabe-se, apenas, que a cada dia era ministrada uma disciplina diferente.



Visão parcial do auditório durante uma das aulas do Curso de Museologia

**Figura 2.** Imagem dos ouvintes do Curso de Introdução à Museologia do Museu Nacional.  
Fonte: Relatório Anual do Museu Nacional de 1957 (1958).

A imagem (figura 2) impressa no relatório anual de 1957 nos informa, diante de uma sala cheia de participantes, acerca da receptividade do curso, mas é tratada como uma mera ilustração no relatório. Há um dado do Relatório Anual de 1959, trazido anteriormente, de que apenas dez alunos finalizaram o curso, ou seja, as informações descritas nos relatórios apresentam lacunas e, também, não detalham aspectos a respeito da duração dos cursos e se existiram diferentes edições nos anos de 1957 e 1959.

No *Anuário do Museu Nacional de Belas Artes* de 2009<sup>31</sup> há uma lista indexada de textos dos anuários do período entre 1938 e 1958,<sup>32</sup> onde está citado o texto de Maria Barreto sobre o Curso de Introdução à Museologia. O artigo foi encontrado no *Anuário do Museu Nacional de Belas Artes* de 1957<sup>33</sup>.

O texto de Barreto possui quatro páginas e apresenta informações quanto ao objetivo, à organização do curso e ao perfil dos estudantes. Maria Barreto narra que, a convite<sup>34</sup> de José Salvador Julianelli, diretor da Divisão de Educação Extra Escolar do Ministério da Educação, criou o curso, cujo público era formado por professores e professoras secundaristas, devido a estes estarem próximos aos mostruários dos museus. O objetivo era estabelecer contato relacional entre as coleções dos museus e o conteúdo apresentado na sala de aula.

Uma experiência de dezenove anos de conservador do Museu Nacional de Belas Artes, deu-me a certeza de que fosse pela deficiência de meios de transporte, das grandes distâncias que medeiam entre o centro da cidade e certos bairros, ou fosse mesmo o pouco conhecimento de que alguns professores secundários possuem, do quanto os museus lhe podem auxiliar na objetivação das disciplinas ministradas em aula, dificulta num contato que deveria ser não diria contínuo mas garanto que deveria ser mais frequente.<sup>35</sup>

No trecho destacado acima, Barreto reconhece as dificuldades de acesso às instituições, mas também ressalta a importância do contato frequente dos professores e estudantes com os museus. A proposta do Curso de Introdução à Museologia visava estreitar as relações entre professores, estudantes e museus, evocando o caráter educacional da instituição.

O curso ocorreu no Museu Nacional e no Salão Nobre da Escola Nacional de Belas Artes e contava com transporte para locomoção.<sup>36</sup> Barreto<sup>37</sup> informa que 212 pessoas se inscreveram, menciona os professores e algumas aulas ministradas por estes: Gustavo Barroso; Walter da Silva Curvello (palestra “O enigma dos tecidos”, no dia 11 de agosto de 1959);<sup>38</sup> Luiz Emigdio de Mello Filho (palestra “Sobre o gênero Heliconia”, no dia 24 de setembro de 1959);<sup>39</sup> Newton Dias dos Santos (aula de Biologia, no dia 13 de agosto de 1957);<sup>40</sup> Elmano de Azevedo Martins; Luiz Costa Faria; Myriam Chapôt-Prévost Gino (aula de Zoologia - Invertebrados, no dia 1 outubro de 1957);<sup>41</sup> Tarcisio Torres Messias; Elza Ramos Peixoto; Regina Liberalli Laemmert; Maria Barreto; Antônio Pimentel; e João de Lyra Madeira. A conservadora não especifica a maioria das aulas e das palestras em seu texto, apenas registra os nomes dos professores e das professoras.

Barreto defende que as atividades extraclasse nos museus sejam integradas aos programas de ensino. Isto fica evidente quando apresenta o tema da avaliação escrita do curso: o valor educacional do museu para infância, o adolescente e o adulto. Maria Barreto<sup>42</sup> usa dos pressupostos da “Museologia” da Unesco para defender o museu

como “a continuação da escola e o complemento universitário”, o que coloca em destaque os agenciamentos da Unesco no Brasil e suas abordagens assimiladas por profissionais do campo à época.

Há lacunas que impedem a compreensão total quanto ao que foi o Curso de Introdução à Museologia a partir dos três documentos citados, sendo necessária uma pesquisa mais profícua para cruzar os dados e buscar mais informações sobre Maria Barreto e seus contemporâneos. Por hora, a pretensão do texto foi estimular o exercício de estabelecer outros sentidos da Museologia brasileira, pois cursos como esse, formulados por uma conservadora de museus, estão atrelados à sua formação, ao seu protagonismo, à experiência na instituição em que atuou e à assimilação intercambial de narrativas nacionais e internacionais, que nos dão a ver outras possibilidades de compreensão da Museologia brasileira, bem como a constituição de outras narrativas sobre a história da área. Espera-se continuar a pesquisa sobre Maria Barreto e o Curso de Introdução à Museologia do Museu Nacional.

### **Algumas considerações sobre a ciência e a tradição: a Museologia emergente?**

Todavia, ainda que a aceitação do termo indique a existência de uma Museologia no Brasil, podemos considerar a presença de várias correntes museológicas que tornam a nossa Museologia constantemente jovem porque ainda em vias de desabrochar por completo como uma só Museologia integrada e facilmente aceita no quadro epistêmico brasileiro. Se existe, com efeito, uma Museologia, ela está balizada pelas diversas questões e contextualizações próprias do Brasil e de cada uma das regiões em que se pensa e se faz a Museologia no território nacional, seguindo os parâmetros e as recomendações que foram cunhados inicialmente com base no curso do Rio de Janeiro. Hoje, esse é apenas um dos quinze cursos existentes nas mais variadas regiões do país.<sup>43</sup>

A Museologia como um campo do conhecimento não é uníssona, pois apresenta diferentes teorias e práticas, como mencionado pelos autores acima sobre as diferentes correntes museológicas. É importante considerar que as diferentes correntes tornam a Museologia uma área emergente, atenta às transformações da sociedade e às alterações e atualizações realizadas por agentes e agências.

O caráter emergente da Museologia também está atrelado ao seu potencial de sentidos em camadas, uma vez que se pode verificar a presença de estudos e potenciais de outras áreas sobre a história dos museus, das coleções, das trajetórias dos indivíduos, dos grupos sociais e dos objetos. A história da Museologia está inscrita em arquivos e

acervos espalhados pelo Brasil, e, a cada momento, pode-se deparar com documentos que são parte de um todo, fragmentos da Museologia brasileira. Pode-se criar sentidos genealógicos a partir desse material, a exemplo das pesquisas realizadas sobre o Curso de Museus do MHN. Mas, há muito mais a ser escavado<sup>44</sup>.

Em entrevista a Mariza Romero, Dominique Pestre<sup>45</sup> afirma que é preciso compreender as ciências como vozes e opiniões múltiplas e pensar em diferentes enquadramentos epistemológicos, afinal “nenhum conhecimento é ‘objetivo’ e absolutamente verdadeiro”. Pestre defende que a ciência moderna é de natureza prática e, portanto, precisa ser problematizada e (re)constituída. Desta forma, os pesquisadores e as pesquisadoras da Museologia podem estabelecer marcos, genealogias e compartilhar histórias, desde que compreendam que esses são sentidos possíveis e não absolutos, pois, conforme se investiga, mais imbricações surgem na produção de narrativas de – e sobre – a área.

Esses sentidos podem ser lidos como um conjunto de tradições, como algo que está em constante mudança, e não como uma pretensa conservação de um passado, mas como uma representação de um domínio de fatos e de uma transmissão proveniente de documentos escritos e abordagens orais selecionadas<sup>46</sup>. Nesse sentido, a Museologia emergente acumula diferentes tradições a partir de suas genealogias, e as mudanças referentes a essas tradições agregam valor e apresentam as contingências da área no Brasil.

## Notas

---

<sup>1</sup> Entre os anos de 2010-2012, em uma iniciação científica sob orientação da professora doutora Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares, foi realizado um estudo comparado dos cursos de Museologia do Brasil. Na pesquisa, percebemos que há relação entre a matriz curricular e a alocação dos cursos por áreas – departamentos, escolas, faculdades.

<sup>2</sup> É importante lembrar do curso de pós-graduação anterior aos cursos *stricto sensu* existentes na atualidade, o Curso de Especialização em Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), em vigência entre os anos de 1977[1978?]-1992, e o protagonismo de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, “mentora, diretora e professora do curso”, até o seu falecimento, em 1990. Ver GOUVEIA, Inês

Waldisa Rússio e a política no campo museológico. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio/UNIRIO/Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Rio de Janeiro, 2018a, p. 24; e TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. “A trajetória do ensino da Museologia no país”. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 2(3), 76, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v2i3.16688>. Acesso em: 25 nov 2020.

3 Isto pode ser observado no livro *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX* (1997), de Maria Margaret Lopes.

4 Em 1932, quando o curso foi institucionalizado, Gustavo Barroso não estava à frente da instituição. O diretor, à época, era Rodolfo Augusto Garcia Amorim. Gustavo Barroso volta a direção da instituição no ano de 1933 e permanece até 1959.

5 Segundo Ivan Coelho de Sá, o Curso de Museus teve um mandato universitário, em 1951, conferido pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ver SÁ, Ivan Coelho de. “Formação em Museologia no Brasil e conquistas democráticas: a politização dos alunos do Curso de Museus na transição das décadas de 1960 e 1970”. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 8(16), 2019, p. 244. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.27323>. Acesso em: 25 nov 2020.

6 Segundo Luciana Ferreira da Costa, na gestão do diretor Léo Fonseca e Silva ocorreu uma tentativa de alteração de nomenclatura do curso, de “Departamento de Técnicas de Museus, de História do Brasil, de História da Arte e de Antropologia” para “Faculdade de Museologia”. No entanto, não foi possível a alteração, pois a compreensão da Câmara de Planejamento do Conselho Federal da Educação à época era que o curso estava em uma instituição da cultura e não em uma universidade. Embora o curso tivesse mandato universitário, foi apenas no final da década de 1970 que o curso subsistirá em uma universidade. Ver COSTA, Luciana Ferreira da. *Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias*. Tese de Doutorado. Évora: Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da Ciência, Especialidade Museologia/Universidade de Évora, 2017, p. 59. A tese aborda a constituição da museologia no Brasil a partir de análise dos programas de pós-graduação em museologia e dos periódicos avaliados pelo qualis capes-qualis-periódicos. Neste sentido, é importante destacar o protagonismo da UFBA, na criação do curso de Museologia, em termos pedagógicos e de infraestrutura, sendo o primeiro curso de Museologia em âmbito universitário, no Brasil.

7 COSTA, Luciana Ferreira da. Op. cit., p. 59.

8 COSTA, Heloisa Helena F. G. da. “Formação em Museologia: o caso da Bahia”. *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. 41. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2019, p. 239-253. Disponível em: [http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=15976&Pe\\_sq=Sobre%20patronos](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=15976&Pe_sq=Sobre%20patronos). Acesso em: 24 jun 2019, p. 24.

9 GOUVEIA, Inês. “Waldisa Rússio e a política museológica”. 10º Encontro Paulista de Museus. São Paulo: Memorial da América Latina, 20 jul. 2018b.

10 RÚSSIO, Waldisa Pinto. *Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP)/Escola Pós Graduada em Ciências Sociais, 1977.

11 GOUVEIA, Inês. Op. cit, 2018a.

12 Idem.

13 Segundo Inês Gouveia, “os estudos sobre Waldisa Rússio também são recentes no campo. E, mesmo diante da importância que autores lhe atribuem (...) a dispersão original de seus textos pode ter limitado uma visão panorâmica do seu pensamento e atuação”. GOUVEIA, Op. cit., 2018a, p. 28)

14 A pesquisadora Inês Gouveia desenvolveu tese, “Waldisa Rússio e a política no campo museológico” (2018a), onde apresenta Rússio como agente ativa na constituição de políticas museológicas na década de 1980. Segundo Gouveia, nas décadas de 1970 e 1980, ela estava entre os poucos agentes que elaboravam reflexões críticas e trabalhos acadêmicos sobre a museologia.

15 Idem.

16 VALLADARES, José. *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos: Bahia: Publicações do Museu do Estado da Bahia*, no 6. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946.

17 CERAVOLO, Suely Mores; SANTOS, Daisy Conceição dos. “Apontamentos sobre José Antonio do Prado Valladares: ‘um homem de museu’”. *Cadernos do CEOM - Revista do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina*, vol. 26, 2007. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2025> . Acesso em: 21 jun. 2019, p. 197.

---

18 Idem, 2007, p. 206-207. As autoras apresentam trechos de crônicas escritas por Valladares, em 1951, 1952 e 1955, onde ele se auto intitula homem de museu quanto a sua experiência em visitas e análises de museus, bem como se intitula conservador de museus.

19 O contato com essa informação ocorreu por meio do acesso aos relatórios do Museu Nacional localizados no acervo pessoal da professora Maria Margaret Lopes, que os havia mencionado em sala de aula sobre o curso, na disciplina Tópicos Especiais em Organização da Informação 2: Museus e Patrimônio: Agências e Agentes (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília), ministrada por ela e pela professora Ana Abreu.

20 Em algumas pesquisas sobre a formação em Museologia, nos deparamos com a produção de dissertações e teses, especificamente tratando da formação em nível de graduação e pós-graduação, tais como: a tese mencionada de Luciana Ferreira da Costa (2017); a dissertação, A formação em Museologia nas universidades brasileiras: reflexões sobre o ensino da gestão e do planejamento sob a ótica da Museologia, de Fiorela Bugatti Isolan (2017); a tese, Metáforas em rede no processo de institucionalização: um estudo sobre memória e discurso da Museologia no Brasil (1939 a 1985), de Priscilla Arigoni Coelho (2015); a dissertação, A trajetória do curso de museologia da Universidade Federal da Bahia (1969-2010), de Iraci Oliveira dos Santos; entre outras. Para além dessa formação em nível de graduação e pós-graduação, nos interessou pensar a formação em outros níveis, para outros públicos, como é o caso do curso coordenado e criado por Maria Barreto. Esta análise pode ser ancorada a partir de outras pesquisas que estabelecem a relação entre os museus, os cursos de museologia e a sociedade, como é apontado por Maria Célia Teixeira Moura Santos em SANTOS, M. C. T. M. "Formação em Museologia e as conquistas da sociedade democrática: o curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia". *Museologia & Interdisciplinaridade*, 8(16), 2019, p. 258-275. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.27324>. Acesso em: 25 nov. 2020.

21 CARVALHO, Jose Candido de Melo. Relatório Anual do Museu Nacional: 1957. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1958.

22 Idem. Relatório Anual do Museu Nacional: 1959. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1960.

23 BRULON, Bruno. "Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente". *Caderno Pagu*, no 55, Campinas, abril 2019, p. 16. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332019000100504](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000100504). Acesso em: 24 jun. 2019.

24 SÁ, Ivan Coelho de. "Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à museologia e ao patrimônio". *Museologia e Interdisciplinaridade*, vol. IV, no 8, dez 2015, p. 136. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16908>. Acesso em: 24 jun 2019.

25 Idem.

26 MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. Anuário do Museu Nacional de Belas Artes: nova fase. Rio de Janeiro: Contra Capa/Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus, 2009.

27 CHAGAS, Mário. "O Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus (1958): sessenta anos depois. In: CHAGAS, Mario & RODRIGUES, Marcus Vinícius Macri (Orgs.). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2019, p. 18.

28 No Relatório Anual de 1958 não há menção ao curso.

29 CARVALHO, Jose Candido de Melo. Relatório Anual do Museu Nacional: 1957. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1958, p. 35.

30 Idem. Relatório Anual do Museu Nacional: 1959. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1960, p. 30.

31 MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. Anuário do Museu Nacional de Belas Artes: nova fase. Rio de Janeiro: Contra Capa/Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus, 2009, p. 290-307.

32 Posteriormente, o museu criou o Boletim do Museu Nacional de Belas Artes entre os anos de 1962 a 1988. Ver MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, Op. cit., p. 308-317.

---

33 Disponível na base de dados do MNBA: <http://mnba.phlnet.net/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&cipar=phl82.cip&lang=por>.

34 Aparentemente o convite foi realizado devido à experiência de Maria Barreto na organização das atividades para crianças em idade escolar – estudantes de escolas – em comemoração aos dez anos da Unesco 1955-1956, no MNBA (Perto de 3000 crianças participaram e foram 24 dias de aulas no museu). Barreto menciona a sua articulação na atividade citada acima, no texto sobre o Curso de Introdução à Museologia. Ver BARRETO, Maria. “Curso de Introdução à Museologia”. Anuário do Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, no 14, 1957, p. 105.

35 Idem, p. 104-105.

36 Idem, p. 104.

37 Idem, Ibidem.

38 CARVALHO, Jose Candido de Melo. Relatório Anual do Museu Nacional: 1959. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1960, p. 30.

39 Idem, p. 33.

40 CARVALHO, Jose Candido de Melo. Relatório Anual do Museu Nacional: 1957. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1958, p. 35.

41 Idem.

42 BARRETO, Maria. Op. cit., p. 107.

43 SOARES, Bruno Brulon; CARVALHO, Luciana Menezes de; CRUZ, Henrique de Vasconcelos. “O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil”. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Orgs.). 90 anos do Museu Histórico Nacional em debate. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, p. 261.

44 Iniciativas como o projeto de pesquisa, Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil (2005- ), coordenado pelo professor doutor Ivan Coelho de Sá, da UNIRIO, são importantes para a compreensão da produção de sentidos de agentes e agências.

45 ROMERO, Mariza. “A nova história da ciência: entrevista com Dominique Pestre”. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 23, no 3, jul.-set. 2016, p. 899-905.

46 LENCLUD, Gérard. “A tradição não é mais o que era... sobre as noções de tradição e de sociedade tradicional em etnologia”. Histórias, histórias. Brasília, vol. 1, no 1, 2013, p. 148-163.